

Repetência tem jeito

Método de aceleração escolar utilizado pela Fundação Educacional aproveita a experiência individual e ensina por meio de temas interessantes para cada faixa etária

Governo cria novo método de ensino para diminuir repetências e a enorme defasagem entre a idade das crianças e a série que deveriam estar cursando. Mas qual é o segredo desse sistema que pega alunos com uma longa história de repetência e dificuldade escolar e, em pouco tempo, faz com que aprendam o suficiente até para pular séries?

As respostas variam. Segundo Aricélia Ribeiro, do Grupo de Trabalho que criou o método de aceleração utilizado pela Fundação Educacional, a diferença está no enfoque. “Não se pode ensinar um adolescente de quinze anos como se tivesse sete”, argumenta.

Somente no Distrito Federal existem 25 mil alunos com idade entre nove e 15 anos na 1ª série, que não foram sequer alfabetizados. Para prender a atenção desses adolescentes e fazer com que aprendam, as turmas de aceleração aproveitam as experiências individuais e ensinam por meio de temas interessantes para cada faixa etária.

“Todos os alunos dessas turmas são muito maduros, a maioria trabalha e traz conhecimentos que a escola não aproveita”, explica Aricélia. Namoro, sexo, drogas, violência, Aids, gangues, trabalho — tudo isso entra nas discussões e é utilizado para desenvolver a intimidade dos alunos com o alfabeto e a matemática.

Todos os 3.500 alunos que participam do *Acelera Brasil* passarão de ano em dezembro, segundo levantamento preliminar da Fundação Carlos Chagas — que monitora o desempenho das crianças. Outro detalhe interessante: os professores, mesmo sem ganhar mais, têm muito interesse em participar do programa.

“Ao contrário do que acontece na maioria dos casos, o professor das turmas de aceleração recebe orientação e assistência constante. Isso faz com que se sinta valorizado”, diz Margaret Goldemberg, supervisora de projetos do Instituto Ayrton Senna, para esclarecer o fenômeno.

Independente das razões apontadas para o sucesso da aceleração, os educadores concordam em um ponto. O processo de aprendizagem desses alunos, geralmente

estigmatizados pela comunidade escolar, começa pela recuperação de sua auto-estima.

“Até agora os professores e o sistema educacional se acostumaram a culpar o aluno por tudo que dá errado na educação”, raciocina Margaret Goldemberg. Com isso, o aluno repetente ou “velho demais para a turma” acaba desenvolvendo um bloqueio, como se fosse incapaz de aprender.

EXEMPLO

Abigail Batista, 15 anos; Wanderley Barbosa, 12 anos; e Juberlan Silva, dez anos, são alunos de uma das cinco turmas de aceleração de aprendizagem da Escola Classe nº 3 da Ceilândia. Abigail e Wanderley trabalham depois da aula para ajudar na despesa da casa. Ela cuida de duas meninas pequenas e ele vende calçados na banca da família na feira da Ceilândia.

Abigail repetiu a 2ª série e lembra que não conseguia aprender nada. Juberlan e Wanderley entraram na escola com quase dez anos e ainda não tinham sido alfabetizados quando entraram nas chamadas classes de reintegração. O que mudou na nova sala? “A professora”, respondem, quase ao mesmo tempo.

Nelma Fontana, 19 anos — professora de Abigail, Wanderley, Juberlan e mais 22 crianças — optou por trabalhar somente com turmas de aceleração. Sem ganhar mais, ela enfrenta uma rotina mais pesada. Além do período de aulas ter aumentado em uma hora, ela dedica obrigatoriamente seis horas semanais aos cursos de capacitação oferecidos pela Fundação aos professores da aceleração. As oito horas restantes são investidas no planejamento das aulas:

Mas a professora não aceita os louros da melhoria do aprendizado. “O mérito é todo dos alunos, eles estudam por conta própria e poucas famílias participam”, garante Nelma. Os meninos confirmam a observação. “Na minha casa ninguém vigia se faço dever ou venho à aula”, diz Wanderley.

Apesar de todo o otimismo com os resultados da aceleração, Nelma tem algumas queixas. Segundo ela, a carência financeira e emocional das crianças dificulta muito o processo e não pode ser ignorada. “Quem passa fome, é vítima de violência ou abandonado por parte dos pais não pode render como os outros”, frisa.

Carlos Moura 5.11.97



Os estudantes Wanderley, Abigail e Juberlan estão satisfeitos com a nova forma de ensino